



CADERNO DE ORGANIZAÇÃO, FUNCIONAMENTO E PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA RESF

Porto Alegre, 2019/2020.

SUMÁRIO

PARTE 1 - ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E FEMINISTA (RESF)

1. APRESENTAÇÃO	04
2. NOSSA HISTÓRIA: PUXANDO O FIO DA MEADA	04
3. A REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E FEMINISTA	07
3.1. Surgimento	07
3.2. Princípios que fundamentam a nossa articulação	08
3.3. Porque nos articulamos em rede: os objetivos da RESF	08
3.4. Nossas Reivindicações e Bandeiras da Luta	09
4. A ESTRUTURA E O FUNCIONAMENTO DA RESF (MANDALA)	09
4.1. Quem Somos?	11
4.2. O Conselho Gestor Nacional da RESF	11
4.3. Conselhos Gestores das Redes Locais, Arranjos Produtivos Locais e Cadeias Produtivas	11
4.4. As Bases De Economia Solidária E Feminista	12
4.5. Os Núcleos Estaduais da RESF	12

PARTE 2 - PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA RESF

1. INTRODUÇÃO	13
2. METODOLOGIA DE CONSTRUÇÃO DO PLANO	14
3. REUNIÃO DO CONSELHO GESTOR NACIONAL DA RESF EM SANTA MARIA	18
4. NOSSO PLANO DE DESENVOLVIMENTO	18
4.1. Construindo nossa Visão de Futuro (Nível Estratégico – 5 anos)	18
4.2. Diretrizes para o fortalecimento da RESF (Nível Tático)	18
4.3. Plano de ações por Eixo (Nível Operacional)	19

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E FEMINISTA (RESF)

1. APRESENTAÇÃO

Este texto foi elaborado a partir de debate sobre a RESF, seus objetivos e sua estrutura organizativa, realizado em maio de 2014, em reunião do Conselho Gestor Nacional, em Brasília, numa dinâmica de oficina, trabalho em grupos e sistematização final. Foi retomado no Conselho Gestor Nacional realizado na Feira de Economia Solidária de Santa Maria, em julho de 2014, de onde circulou internamente na rede publicado numa cartilha, com a finalidade de gerar a reflexão e o debate. Finalmente, na reunião do Conselho Gestor Nacional de julho de 2015, também na Feira de Santa Maria, foi discutido em dinâmica de trabalho em grupo e finalizado para publicação como o primeiro documento da RESF, recuperando sua história, afirmando sua estrutura organizativa atual e servindo de referência para seu funcionamento, seu fortalecimento e para as ações de fomento para sua construção.

2. NOSSA HISTÓRIA: PUXANDO O FIO DA MEADA

A **Rede de Economia Solidária e Feminista (RESF)** nasce da necessidade de empoderamento – político, social e econômico, de empreendimentos formados majoritariamente por mulheres. A história não é nova – vem das reivindicações que brotam da experiência das mulheres na sua organização produtiva, e se consolida na participação no movimento e em diversas instâncias territoriais, municipais, estaduais e nacionais, que apontam a necessidade de criação de políticas públicas específicas para as mulheres na economia solidária no Brasil. Viemos, portanto, de muitos lugares e de muitas experiências e lutas, trazendo além da nossa capacidade produtiva e organizativa, a compreensão de que a economia solidária é o nosso lugar, e temos muito a reivindicar dela e a contribuir com ela.

Vivemos num sistema que oprime as mulheres: o capitalismo patriarcal, onde somos consideradas “cidadãs de segunda categoria”, em trabalhos precarizados, recebendo menos do que os homens quando na mesma função e vítimas do desemprego ao menor sinal de crise. Essa situação só faz agravar a desigualdade estrutural que existe em nossa sociedade, que se expressa, inclusive, em todas as formas de violência contra as mulheres. A lógica do capitalismo é manter a invisibilidade e a desvalorização do

trabalho das mulheres, secundarizando sua importância para o funcionamento da sociedade. A economia solidária tem uma importância estratégica como alternativa a este modelo econômico vigente, e faz parte da possibilidade concreta de alterarmos este quadro de desigualdade vivido pelas mulheres, superando os limites da divisão sexual do trabalho, valorizando o trabalho que é fundamental para a sustentação da vida humana e para o bem viver de tod@s.

A partir destas necessidades, em 2010 uma nova ação da política pública começou a ser desenhada: no Projeto Brasil Local, da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), do Governo Federal onde, além do fomento ao Desenvolvimento Local, do Etnodesenvolvimento e do trabalho com Agentes, se apresenta uma grande novidade: a **Economia Feminista**. A Guayí assumiu o desafio e, a partir de então, passou a desenvolver o **Projeto Economia Solidária e Economia Feminista**, a partir da identificação e do mapeamento de 300 empreendimentos econômicos compostos majoritariamente por mulheres. A partir daí, realizamos oficinas de economia solidária, fizemos um diagnóstico produtivo de cada empreendimento, e resgatamos da invisibilidade da esfera privada, a experiência de trabalho cotidiano das mulheres com os cuidados, com o trabalho doméstico, a dupla jornada e a divisão sexual do trabalho. Além disso, a discriminação, a desigualdade e a violência também fizeram parte de nossas reflexões.

O Projeto se desenvolveu em nove estados, nas cinco regiões do país (RS, PR, SP, RJ, DF, RN, PE, CE, PA) e apesar das diferenças regionais, culturais e étnicas, e da ampla diversidade de segmentos e práticas produtivas, vimos que nossos empreendimentos eram parecidos em sua pouca estrutura e nas dificuldades enfrentadas – tanto de gestão quanto de produção, comercialização e, principalmente, financeira, o que nos mostrou que a realidade das mulheres da economia solidária, de norte ao sul do Brasil, era muito parecida. Assim, no diálogo e nos momentos de elaboração coletiva que o projeto proporcionou, foi se afirmando um quadro de análise desta realidade e um conjunto de proposições para enfrentá-lo.

Em todo este percurso, participamos de momentos de formação, de aprendizado coletivo e de troca de experiência, de construção de conceitos, critérios e narrativas, num rico processo que também reuniu diversos parceiros, agentes de desenvolvimento, militantes e representantes dos fóruns de economia solidária. Nesta caminhada, além do investimento, também tivemos a parceria orientadora, questionadora, sistemática e efetiva da SENAES, bem como o crescimento e a afirmação da Política Pública de Economia Solidária.

A Rede de Economia Solidária e Feminista – RESF - é, portanto, fruto de toda esta construção, e se formula, como tal, a partir de julho de 2012, no Seminário Nacional de finalização do Brasil Local Economia Solidária e Feminista em Santa Maria, quando acordamos coletivamente a proposta de nos articularmos em Rede para a continuidade das ações conjuntas para a realização de nossos objetivos de fortalecimento do trabalho das mulheres na economia solidária. A proposta foi de tecermos coletivamente a Rede de Economia Solidária e Feminista - RESF, como articulação de nossos empreendimentos para somar e ter visibilidade, trocar informações e experiência, complementando-se e tornando-se mais fortes na esfera econômica, para produção, comercialização e consumo solidário, combinando com isto a necessária visibilidade do trabalho da mulher, bem como a valorização dos cuidados e do trabalho doméstico e reprodutivo como fundamentais para o bem viver de nossas família, das comunidades e da sociedade como um todo.

Levamos esta proposta para os 9 estados onde o Brasil Local Feminista desenvolvia suas ações e, em Encontros Estaduais realizados no segundo semestre de 2012, discutimos a rede, seus objetivos, seu nome, seu símbolo, seus significados. Em novembro de 2012, a Guayí apresentou ao Edital de Chamada Pública da SENAES – 04/2012, como resultado deste processo, um projeto para fomento à nossa Rede, com a adesão dos empreendimentos. Combinada com a proposta da SENAES, a RESF, então, começa a se materializar, a partir de alguns elementos centrais: continuidade do trabalho nos nove estados já iniciados - identificação e/ou criação de redes internas, arranjos produtivos locais e/ou cadeias produtivas nos estados, firmando compromisso de um trabalho coletivo entre os empreendimentos, através do fortalecimento de sua identidade de produção ou territorial. O fio da meada continua, agora numa tecelagem coletiva para o empoderamento social, político e econômico destes empreendimentos. Agora, não mais na condição de “isolados”, mas com uma estratégia de construção de rede que passamos a desenvolver a partir de maio de 2013.

Parte deste processo é a consolidação e a ampliação das parcerias, tanto nos estados quanto em nível nacional. Projeto com a Secretaria de Política para as Mulheres (SPM) e com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), possibilitam a qualificação do trabalho realizado. Da mesma forma, começamos um diálogo com o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico (PRONATEC), buscando uma pactuação para a capacitação técnica das mulheres. Ao mesmo tempo, fizemos uma discussão coletiva sobre a necessidade de investimento nas redes e empreendimentos que constituem a RESF e iniciamos um diálogo com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), apresentando um projeto com este objetivo.

Tendo como eixos estruturantes o Feminismo e a Economia Solidária, participamos na construção da III Conferência Nacional de Economia Solidária (CONAES), com as Conferências Temáticas Livres de Economia Solidária e Feminista nos nove estados onde estamos organizadas. Como resultado, uma ampla formulação de propostas para os quatro eixos da Conferência, que acabam constituindo um referencial atualizado de propostas das mulheres da Economia Solidária. Este conjunto de formulações foi impresso e apresentado em diversos espaços de participação da Economia Solidária, incluindo as conferências territoriais e estaduais. Na Conferência Nacional, participamos ativamente dos debates apresentando nossas propostas e tivemos a oportunidade, no ato de abertura, de presentear a Presidenta Dilma com a nossa colcha – o que significa um reconhecimento de nosso trabalho e de nossa trajetória de construção da RESF.

Salientamos, ainda, nosso esforço (em pleno andamento) de, apostando em nossa capacidade, desenvolvermos, a partir do assessoramento técnico proposto pela Guayí, uma metodologia para gestão das nossas redes, nos qualificando para enfrentar os desafios postos pelas necessidades dos empreendimentos, das redes e da RESF, com a elaboração de **Planos de Sustentabilidade**, num aprendizado coletivo para nos fortalecer. Da mesma forma, a aposta que fazemos na construção dos **Conselhos Gestores** das redes/arranjos que a RESF articula, e do **Conselho Gestor Nacional** da Rede como o espaço decisivo para sua construção, onde aprendemos a nos autogerir e onde amarramos os “nós” que nos sustentam.

Por fim, reconhecer que esta caminhada possibilitou nosso encontro e reflexão coletiva, fortalecendo nossa identidade de mulheres e nossa ação na economia solidária, colaborando para ampliar nossos sonhos e nossa capacidade de realizá-los.

3. A REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E FEMINISTA

3.1. Surgimento

A **Rede de Economia Solidária e Feminista** surge, assim, para mostrar a capacidade de trabalho e de gestão das mulheres na economia solidária e para articular ações e projetos que fortaleçam a potencialidade econômica de suas iniciativas e, ao mesmo tempo, para formular propostas de políticas públicas e articular a força necessária para lutar por elas. Partindo da experiência das mulheres na economia solidária e tendo a economia feminista como eixo estruturante, nossa rede visa articular resultados econômicos com inclusão social e democracia participativa. Fruto de toda a

caminhada que fizemos, hoje a RESF já se coloca como uma realidade no contexto nacional da economia solidária, sendo representativa da diversidade regional, cultural e étnica de nosso país, bem como da produção e da criatividade das mulheres de diversos segmentos produtivos. Hoje, 25 redes integram a RESF, em estágios diferentes de articulação.

3.2. Princípios que fundamentam a nossa articulação

- ✓ Visibilidade e valorização do trabalho da mulher;
- ✓ Reconhecimento da esfera reprodutiva e de cuidados como indispensável para o bem viver e para o desenvolvimento sustentável e democrático de nossas comunidades e sociedades;
- ✓ Empoderamento e autonomia econômica das mulheres na perspectiva da igualdade de gênero;
- ✓ Economia solidária como trabalho autogestionário, associativo e em cooperação na perspectiva de um outro modelo de desenvolvimento, sustentável e solidário;
- ✓ Construção da Economia Solidária e Feminista como alternativa ao capitalismo patriarcal e à divisão sexual do trabalho, como uma economia voltada para o bem viver de tod@s.

3.3. Porque nos articulamos em rede: os objetivos da RESF

3.3.1. Fortalecer produtiva e comercialmente os empreendimentos (por segmentos produtivos, arranjos locais/territoriais e/ou cadeias produtivas) e/ou qualificar e fortalecer redes já existente;

3.3.2. Qualificar os empreendimentos, redes, arranjos e cadeias produtivas que compõem a RESF para a **autogestão, a solidariedade e a cooperação** nas relações de produção, de comercialização e de consumo, incentivando a constituição de **Conselhos Gestores** como espaço democrático permanente para o aprendizado e o exercício da autogestão;

3.3.3. Qualificação dos empreendimentos e redes para elaboração de **Planos de Sustentabilidade** como base para sua organização produtiva e como metodologia de monitoramento dos mesmos, buscando melhorias concretas nos seus resultados;

3.3.4. Compartilhar saberes, através das trocas e intercâmbios, reforçando a construção de identidade de mulheres da economia solidária e feminista;

3.3.5. Articular com as **políticas públicas** já existentes, bem como formular para a implantação de novas políticas públicas, nas diversas áreas necessárias (comunicação,

produção, assessoramento técnico, finanças solidárias, comercialização, consumo, logística, gestão...) visando o fortalecimento econômico e comercial das redes integrantes da RESF e dos seus empreendimentos;

3.3.6. Estimular o **pertencimento** das redes e dos empreendimentos solidários à RESF, intensificando a identidade com a economia solidária, através do aprofundamento da participação democrática, estímulo à organização autogestionária e demais princípios da ECOSOL, estabelecendo um diálogo permanente entre a economia solidária e a economia feminista;

3.3.7. Fortalecer a **Economia Solidária e Feminista**, a partir da gestação de um projeto de sustentabilidade para empreendimentos e redes/arranjos/cadeias, que se articule com uma estratégia de desenvolvimento sustentável e de construção de uma sociedade democrática e igualitária.

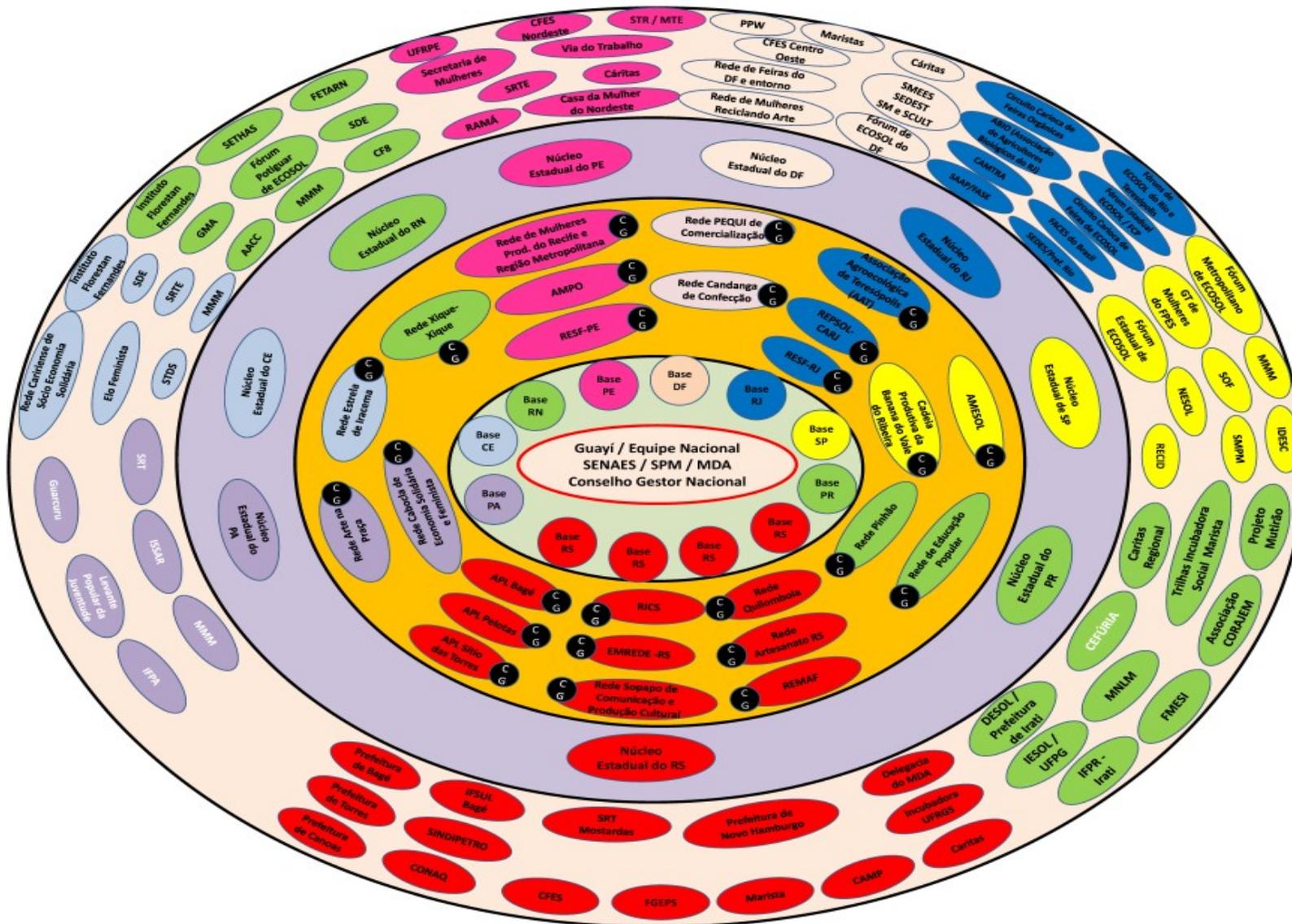
3.3.8. Valorizar a **diversidade cultural** de nossos empreendimentos, trabalhando a cultura e a política pública nesta área como potencialidade para o desenvolvimento das redes.

3.4. Nossas Reivindicações e Bandeiras da Luta

Em março de 2014, combinando as comemorações do Dia Internacional da Mulher e as Conferências preparatórias à III Conferência Nacional de Economia Solidária/CONAES (que ocorreu em dezembro de 2014), realizamos nove conferências Temáticas Livres, nos estados onde a RESF atua. O conjunto desta elaboração foi publicado em um Boletim e apresentado nas Conferências Regionais e Temáticas, bem como na III CONAES. Constitui assim, nossa maior referência, atualizada, de propostas e bandeiras de luta das mulheres na Economia Solidária e Feminista. Para a RESF serve como uma pauta permanente no diálogo com as políticas públicas na busca de melhores condições para o fortalecimento de nossos empreendimentos e redes.

4. A ESTRUTURA E O FUNCIONAMENTO DA RESF (MANDALA)

Nossa Rede é aberta, viva e está em permanente construção. Para isto, reafirmamos os princípios e os objetivos que nos orientam e acreditamos que precisamos ter relações mais orgânicas com um padrão organizativo maior, que nos possibilite ter acúmulos e saltos de qualidade na realização de nossos propósitos. Ao mesmo tempo, é fundamental que possamos contemplar a diversidade e a riqueza que nos caracterizam, para potencializar nossa construção em rede. Para isso, neste momento da nossa vida em rede, hoje temos o seguinte desenho organizativo:



Mandala de organização da Rede de Economia Solidária e Feminista que nos acompanhou até 2018.

4.1. Quem Somos?

Hoje somos 25 Redes Locais, articulando em torno de 250 empreendimentos que envolvem 2.318 mulheres e 507 homens, em nove estados, nas cinco regiões do país em que compomos a RESF (vide Quadro das Redes). Para realizar o trabalho de articulação, formação e assessoramento técnico estamos estruturando 10 Bases de Economia Solidária e Feminista e temos cerca de 85 parcerias constituídas de diversas formas.

4.2. O Conselho Gestor Nacional da RESF

A Rede hoje tem um desenho de mandala, onde o centro é seu Conselho Gestor Nacional – que constitui a instância nacional de coordenação da RESF, define seu planejamento estratégico, suas prioridades e planos de ação, responde pela representação da RESF. Reúne representantes das Redes/APLs/Cadeias Produtivas, da Base Nacional e das Bases de Economia Solidária e Feminista Estaduais. É o espaço onde as informações das redes e das bases são socializadas (andamento do passo-a-passo de fomento às redes, construção de parcerias, demandas e questões específicas, diálogo com as políticas públicas etc.) visando a troca de experiências, a elaboração coletiva, a orientação das ações da RESF nos estados e sua construção como Rede Nacional. Além disso, o Conselho Gestor Nacional tem também a tarefa elaborar as diretrizes e de planejar os caminhos para a sustentabilidade – econômica, estrutural e organizativa - da Rede. Desde que começamos a articulação da RESF, já reunimos sete vezes o CGN , sendo duas vezes em 2013 (maio e julho), duas vezes em 2014 (maio e julho) e três vezes em 2015 (fevereiro, julho e dezembro).

4.3. Conselhos Gestores das Redes Locais, Arranjos Produtivos Locais e Cadeias Produtivas

Os Conselhos Gestores são os espaços permanentes de discussão e decisão sobre as questões importantes para a vida de cada rede/APL/cadeia, na busca de resultados econômicos e sociais para os empreendimentos integrantes das mesmas. Contribui para a implementação das ações de integração produtiva dos empreendimentos em rede, no fortalecimento das redes e na sua integração na construção do desenvolvimento local/territorial sustentável, solidário e feminista. A partir das dificuldades e desafios que são comuns, o Conselho pode apostar na construção de estratégias e mecanismos de comercialização, na realização de parcerias que possam resolver problemas técnicos, de qualificação, de produção e de gestão, sempre em benefício do conjunto dos empreendimentos. Também acompanha a discussão das ações do projeto

de fomento e assessoramento técnico que estejam orientadas para viabilizar a Rede de Economia Solidária e Feminista, considerando as metas previstas no projeto. A dinâmica de cada um dos Conselhos Gestores é própria, mas a orientação é a de que se reúnam mensalmente, com a participação dos empreendimentos que integram a rede, como o espaço permanente de aprendizado coletivo e de autogestão da rede.

4.4. As Bases De Economia Solidária E Feminista

São 10 ao todo, sendo uma em cada estado (PA, CE, PE, RN, BA, DF/GO, RJ, SP, PR, e RS). As Bases desenvolvem as atividades de articulação para cooperação solidária em redes, por segmento produtivo ou território, implementando os instrumentos organizadores das demandas, realizando assessoramento técnico e de gestão, acompanhando o processo de organização da produção e da comercialização, implantação e fortalecimento de Conselhos Gestores nas redes, assessoramento para a articulação das compras governamentais, integrando com as políticas públicas e com parcerias, e formando as componentes dos EES e as das redes. Para implantação das BASES ECOSOL Feminista contamos com uma equipe em cada estado, constituída por uma coordenação, uma assessoria técnica e uma agente, integrantes do projeto de fomento à redes (parceria SENAES) e mais uma agente do projeto de fomento à organizações produtivas de mulheres (parceria MDA) de fevereiro de 2014 a fevereiro de 2015. A Base também é responsável pela integração com as políticas públicas para fortalecimento das redes, bem como pela articulação de parcerias diversas com entidades, instituições e movimentos para fortalecimento de nossas redes. Também temos uma equipe nacional responsável pelo trabalho técnico, metodológico, administrativo e de gestão em nível nacional.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA RESF NACIONAL

1. INTRODUÇÃO

Neste documento apresentamos o Plano de Desenvolvimento da Rede Nacional de Economia Solidária e Feminista (RESF). Este Plano foi resultado de debates coletivos realizados no âmbito do Conselho Gestor Nacionais da RESF, na Equipe Nacional do Projeto, em reuniões técnicas e seminários especializados. A sistematização foi realizada pela Equipe Nacional do Projeto e buscou interagir com a metodologia de assessoramento técnico do Projeto de fomento à Rede de Economia Solidária e Feminista.

É importante destacar que a construção do Plano de Desenvolvimento seguiu a mesma metodologia dos Planos de Sustentabilidade realizados pelas Redes Locais, Arranjos Produtivos Locais e Cadeias Produtivas. Nesta metodologia tivemos como pressupostos as seguintes diretrizes:

1. Planejar significa assumir uma perspectiva de futuro, não olhar apenas o dia de amanhã e o próximo mês, mas ter uma visão de futuro e se orientar por ela;
2. Planejar significa priorizar: sempre há muitos objetivos e tarefas, planejar permite destacar o principal e o secundário;
3. Planejar significa harmonizar: unir as companheiras em torno de objetivos comuns, superar diferenças e formular e fortalecer os compromissos coletivos;
4. O Planejamento propicia a superação do voluntarismo e das carências de organização, contribuindo com a transparência e com o aprendizado de instrumentos de gestão;
5. O Planejamento significa superar a centralização excessiva das tarefas e responsabilidades. Planejar significa organizar e dividir trabalho e as responsabilidades;
6. O Planejamento permite um monitoramento e uma avaliação mais completa, pois possibilita uma visão do “todo” que queremos construir e um cronograma de ação no tempo;

7. O Planejamento tem que servir para nos fortalecer, potencializando nossos talentos e capacidades que, associadas e solidarias podem render muito para os nossos sonhos;

8. Planejar é um processo coletivo, deve ser discutido e assumido coletivamente, a opinião de todas é importante e o processo de tomada de decisões tem que ser de acordo com os princípios da democracia e da autogestão;

9. O Planejamento é um processo de aprendizado, de formação e capacitação;

10. Para Planejar temos que ter clareza dos objetivos estratégicos que temos;

11. O Planejamento é um processo de tomada de decisões que deve terminar com questões claras e concretas. O Planejamento deve ser prático, deve ser útil;

12. O Plano não se implanta por decreto, deve ser elaborado no Conselho Gestor, levado aos EES, trazido de volta ao Conselho Gestor e implementado e monitorado por este, e avaliado sempre por todas;

13. O Planejamento não é algo burocrático, formal, deve ser feito “à quente”, fruto da decisão consciente e da vontade política de ir em frente, qualificando e potencializando as ações para o fortalecimento de nossas redes.

Por fim, queremos destacar que o Plano de Desenvolvimento é um processo operacionalmente aberto e sujeito a revisões, adequações e incorporações permanentes com base no monitoramento que será realizado pelo Conselho Gestor Nacional da RESF e pela Equipe Nacional do Projeto.

2. METODOLOGIA DE CONSTRUÇÃO DO PLANO

Como já indicamos acima, a metodologia de construção do Plano de Vida da RESF seguiu os mesmos parâmetros dos Planos de Desenvolvimento das Redes Locais, Arranjos Produtivos Locais e Cadeias Produtivas. Estes planos estão inscritos numa metodologia mais ampliada de assessoramento técnico que a Guayí desenvolveu para a execução do Projeto de fomento à Rede de Economia Solidária e Feminista. Ao longo dos anos de 2013 a 2015, as Bases Estaduais e a Equipe Nacional foram desenvolvendo um passo a passo para organização e fortalecimento das Redes, Arranjos e Cadeias e a conseqüente organização da RESF. Os passos foram os seguintes:

PASSO 01: Termo de Adesão à RESF;

PASSO 02: Diagnóstico Produtivo do Empreendimento;

PASSO 03: Ficha de Informação da Trabalhadora (FIT);

PASSO 04: Reconhecer e DEFINIR O DESENHO das Redes, Arranjos ou Cadeias a partir de leitura das afinidades dos EES e descrever seu funcionamento;

PASSO 05: Formação e Fortalecimento dos Conselhos Gestores das Redes Locais;

PASSO 06: Estudo de Viabilidade: Econômica e Ambiental;

PASSO 07: Estudo de Viabilidade Associativa e de Autogestão;

PASSO 08: Construção, debate e aplicação dos Indicadores Feministas;

PASSO 09: Construção do Plano de Desenvolvimento;

PASSO 10: Sistematização da Experiência das Bases de Economia Solidária e Feminista e da Metodologia de Assessoramento Técnico.

Este passo a passo permitiu a constituição de 14 novas Redes, APL's e Cadeias e o fortalecimento de 11 já existentes. Após um minucioso trabalho de organização interna das Redes, diagnóstico e Estudo de Viabilidade, o projeto centrou forças na sua etapa final nas ações de planejamento. Nossa metodologia projetou três níveis de estruturação do Plano de Desenvolvimento da RESF e dos Planos de Sustentabilidade das Redes Locais conforme indicamos no quadro abaixo:



Da mesma forma, definimos por um planejamento multidimensional que pudesse abarcar as diferentes áreas (eixos) necessárias para o fortalecimento das Redes, APL's e Cadeias. O quadro abaixo apresenta de forma sintética todas as áreas de planejamento e os planos específicos que estamos desenvolvendo na construção do Plano de Desenvolvimento da RESF e dos Planos de Sustentabilidade das Redes Locais.

Nível	Resultados			
Estratégico	Construir a Visão de futuro da Rede Local e da RESF			
Tático	Construir as diretrizes de médio prazo para cada uma das 6 dimensões do nosso Plano:			
	1. Planejamento Produção, Logística e Qualificação Profissional	2. Planejamento de Comercialização e Investimentos	3. Planejamento da Autogestão e Organização	4. Desenvolvimento Humano e Economia Feminista
Operacional	Plano de Qualificação da Produção	Plano de Vendas (onde e como comercializar)	Plano de Fortalecimento do Conselho Gestor	Mapeamento da Rede Sócio Assistencial
	Plano de Logística	Plano de Pesquisa de Mercado	Plano de Qualificação da Gestão	Desenvolvimento dos Indicadores Feministas
	Plano de Controle da Qualidade	Plano de Fundos Solidários	Plano de Participação Territorial e Institucional	Articulação de Políticas Públicas (Creche, Cozinhas Comunitárias, etc.)
	Plano de Qualificação Técnica Profissional	Plano Investimento	Plano de Rotinas administrativas	Plano de Apoio Psicossocial
	No Plano Operacional devem ser elencadas as ações de curto prazo.			

3. REUNIÃO DO CONSELHO GESTOR NACIONAL DA RESF EM SANTA MARIA

Durante a Feira Internacional do Cooperativismo e Economia Solidária, realizada em julho de 2015, em Santa Maria, o Conselho Gestor Nacional da RESF esteve reunido para debater os processos de comercialização e construir o Plano de Vida da Rede. Participam desta reunião uma representação de cada Rede, APL e Cadeia Produtiva integrante da RESF, as Equipes das Bases Estaduais e a Equipe Nacional da Guayí. Foram três dias de intensos debates e articulações que resultaram no esboço do Plano de Desenvolvimento da RESF que segue sistematizado na sequência deste documento.

As participantes foram divididas em 5 Grupos de Trabalho organizados em torno dos eixos operacionais de planejamento, sendo o eixo seis, Desenvolvimento Humano e Economia Feminista, debatido por todos os Grupos. Os resultados foram apresentados e debatidos na Plenária do Conselho Gestor que aprovou as diretrizes e ações para consolidação do Plano de Desenvolvimento da RESF.

4. NOSSO PLANO DE DESENVOLVIMENTO

Nosso Plano de Desenvolvimento implica uma projeção no tempo e a definição de ações operacionais para o fortalecimento da Rede de Economia Solidária e Feminista. Projetamos um olhar estratégico para um prazo de 5 (cinco) anos e as táticas e ações operacionais para um período de 2 (dois) anos. Nos tópicos a seguir, apresentamos uma primeira sistematização dos debates realizados pelo Conselho Gestor Nacional e pela Equipe Nacional do Projeto.

4.1. Construindo nossa Visão de Futuro (Nível Estratégico – 5 anos)

Fortalecer a Rede de Economia Solidária e Feminista como referência de organização social e econômica das mulheres na Economia Solidária, enraizada nos territórios através dos seus Empreendimentos Econômicos Solidários, das Redes Locais, dos Arranjos Produtivos Locais e Cadeias Produtivas suficientemente fortes para garantir vida digna para as trabalhadoras. Projetamos a RESF presente nos 27 estados como ferramenta de auto-organização das mulheres, de qualificação técnica dos processos produtivos, de articulação e integração das atividades de comercialização, de fortalecimento da organização financeira e promoção da Economia Feminista para dentro do movimento da Economia Solidária e na sociedade como um todo. Também buscamos a organização e inclusão da juventude na Economia Solidária e a articulação de parcerias em todos os níveis como estratégia de fortalecimento da Rede de Economia Solidária e Feminista

4.2. Diretrizes para o fortalecimento da RESF (Nível Tático)

Como ações de integração e articulação das Redes Locais com a Rede Nacional de Economia Solidária e Feminista, nos comprometemos com o fortalecimento do Conselho Gestor Nacional, com a consolidação de uma política de comunicação que melhore de forma permanente a circulação da informação entre as Redes Locais e a Rede Nacional e constitua uma ampla visibilidade para a RESF em todos os espaços, territórios e instancias. Também nos comprometemos com a ampliação da nossa participação nos espaços de articulação institucional de nos movimentos sociais afirmando nossa identidade e nossas pautas.

Igualmente, nos dedicaremos ao fortalecimento econômico, comercial e gerencial das nossas Redes e Empreendimentos através da formação para um “despertar” econômico, apropriando-nos dos instrumentos gerenciais (cálculo de custos, cálculo de preços, capacitação das ferramentas de gestão, etc.) e da integração das nossas ações comerciais nas Feiras, Pontos Fixos, na cooperação para o atendimento às demandas das compras públicas.

Nosso horizonte econômico sempre será pautado pela valorização do trabalho das mulheres, pela afirmação do valor social e humano embutido no custo da nossa produção e na afirmação da Economia Feminista.